

O GOZO DO OLHAR NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de psicólogo

2009

Edijane de Souza Silva

Formação em Psicologia pelo Centro Universitário Jorge Amado-CUJA (Brasil).
Psicóloga Clínica de Orientação Psicanalítica.

E-mail de contato:

edijanesouza.psi@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão acerca de um fenômeno que ocupa grande parte da nossa sociedade contemporânea, o gozo do olhar, pelo referencial da Psicanálise. O texto tem o objetivo de estabelecer uma relação entre os conceitos: pulsão escópica e gozo escópico, a partir de uma leitura sobre a presença e a importância do olhar na constituição da subjetividade humana. Pretendemos focar nossa leitura no olhar do sujeito que busca por esse gozo escópico. Partiremos da exposição do Dr. Gunther Von Hagens que consiste numa exposição de corpos e órgãos humanos reais e sem vida, preservados através de um processo de polimerização. Deste processo, resulta uma interrupção definitiva dos processos de putrefação e rigidez no corpo, o qual possibilita fixá-lo em poses que lembram o corpo vivo. Sobretudo, o que se expressa na exibição destes cadáveres é proporcionar o prazer de olhar para a morte. Nosso percurso parte de uma exposição bizarra, porém artística, e desemboca no espetáculo do real com a exposição de um trecho de reportagem da revista “Época”, edição 545, que relata o “Caso Eloá”. Neste trabalho destacamos o olhar incansável do “espectador” que goza com as imagens que são oferecidas pelo Outro da mídia. Mostraremos que não há mais espaço para a representação e sim a presença do objeto, no real do corpo e no umbral da morte.

Palavras-chave: pulsão escópica, gozo escópico, sociedade contemporânea, mídia.

ABSTRACT

This work is a reflection of a phenomenon that takes up much of our society the 'juissance' of looking at benchmark of Psychoanalysis. The text aims to establish a relationship between the concepts: the scopic drive and 'juissance' scopic, from a reading of the presence and importance of looking at the constitution of human subjectivity. We intend to focus our reading on the look of the guy who search for the 'juissance' scopic. Begin with the presentation by Dr. Gunther Von Hagens is that an exhibition of human bodies and organs and without real life, preserved through a process of polymerization. In this case, that an interruption of the procedures of putrefaction and stiffness in the body, which enables secure it in poses reminiscent of the living body. Above all, what is expressed in view of the bodies is to provide the pleasure of looking at death. Our course part of an exhibit bizarre, but artistic and flows into the spectacle of the real exposure of a section of the report in 'Época' magazine, issue 545, which relates the "Caso Eloá". In this study highlight the relentless gaze of the "spectator-pain" that makes fun of the images that are offered by other media. We will show that there is more space for the representation but the presence of the object, the real body and the threshold of death.

Keywords: scopic drive, 'juissance' scopic, contemporary society, media.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

Os olhos humanos sempre foram atraídos pela beleza, mas também pelo grotesco e bizarro. É o caso da exposição "**o corpo humano como nunca o viu**" que consiste numa exposição de corpos e órgãos humanos reais e sem vida, preservados através de um processo de polimerização desenvolvido pelo anatomista alemão Dr. Gunther Von Hagens. Deste processo, resulta uma interrupção definitiva dos processos de putrefação e rigidez no corpo, o qual possibilita fixá-lo em poses que lembram o corpo vivo. Os cadáveres são, então, apresentados de maneira que aparecem

os músculos e os trajetos vasculares e nervosos. O olhar é simulado pela fixação dos músculos da visão e por olhos de vidro que parecem reais. Essa exposição é ao mesmo tempo sinistra, e, também fascinante para o espectador.

Com efeito, essa exposição tem o mérito de despertar algo comum a todos: a curiosidade. Sobretudo, o que se expressa na exibição destes cadáveres é proporcionar o prazer de olhar para a morte, porém, sem tudo aquilo que causa o horror por causa de seu prazer estético. Neste caso, a decomposição do cadáver e a transformação deste em prazer para os olhos são exibidos como um espetáculo. O olhar se situa, então, no lugar do fascínio e da morte. Assim, o que parece atrair os olhares humanos para esta exposição é o que oscila entre o sinistro e a beleza.

Por que o nosso olhar é capturado por estas representações? Porque observamos tão intensamente cada detalhe do corpo, tentando adivinhar cada milímetro de um corpo disforme?

Em nossa sociedade contemporânea, basta folhear uma revista para se deparar com uma profusão das mais variadas formas de espetáculos explorados em suas páginas: corpos mutilados, feridas, sangue, corpos putrefatos e em decomposição são exibidos. Enfim, a carne humana é oferecida para ser devorada pelos olhos cada vez mais famintos do “*espectador*” (expressão de minha lavra). O “*espectador*” espera as imagens oferecidas pela mídia com olhares ávidos e atentos para a próxima tragédia, a próxima dor apresentada para a sociedade do olhar.

DA PULSÃO ESCÓPICA AO GOZO ESCÓPICO

Em 1905, Freud descreve a sexualidade humana, em *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1999), momento em que delineia a noção freudiana de “pulsão” baseando-se no estudo das perversões e das modalidades da sexualidade infantil, localizando a pulsão nas excitações e no funcionamento das zonas erógenas. Neste ensaio, Freud exemplifica uma das primeiras manifestações sexuais infantis, o *chuchar* (sugar com leite), que consiste num movimento repetitivo da criança em sugar o seio materno, porém, sem o propósito nutritivo, há apenas o prazer da sucção.

“O sugar com leite alia-se a uma absorção completa da atenção e leva ao adormecimento, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo. Não raro, combina-se com a fricção de uma parte sensível do corpo como o seio ou a genitália externa. Por esse caminho muitas crianças passam do chuchar para a masturbação” (FREUD, 1905/1999).

Em *A pulsão e suas vicissitudes* (1915/1999), Freud define pulsão como um conceito situado na fronteira entre o somático e o psíquico, pulsão como representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo. Freud constata que a pulsão nunca ocorre em si mesma, nem a nível consciente nem a nível inconsciente. Tomamos conhecimento dela apenas por seus representantes: idéia e afetos. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e de suas variações, este não está necessariamente ligado a uma representação (idéia), que, por sua vez, significa a formação do conteúdo concreto de um ato de pensamento. A representação seria aquilo que se inscreve no “sistema mnésico” (FREUD, 1915/1999).

Freud mostra como o objeto da pulsão é variável e eventual, e só é escolhido em função das vicissitudes da história do indivíduo. Mas, que existem alvos múltiplos e parcelares a que denominou *pulsão parcial*. A idéia de pulsão parcial surge, para Freud, no estudo das perversões, após o confronto que faz entre neurose e perversão. Porque a sexualidade está sujeita às pulsões parciais. Freud, então, tematiza a perversidade polimorfa, no centro da organização sexual infantil (CARVALHO, 1996).

Dentre as pulsões parciais, menciona a pulsão escópica como uma manifestação espontânea na infância. Dessa natureza são as pulsões do prazer de olhar e de exhibir que podem perpetuar-se na vida adulta como, por exemplo, o prazer estético de olhar uma pintura ou até se tornar o elemento formador de sintomas mórbidos.

A criança pequena não se envergonha e exhibe seus genitais, e em contrapartida tem a curiosidade de ver a genitália de um outro. As crianças aproveitam os momentos de micção e defecação para serem espectadores de atos fisiológicos, e assim se tornam *voyeurs*. A contrapartida dessa inclinação tida como perversa – a curiosidade de ver a genitália de outras pessoas – possivelmente só se tornará manifesta um pouco mais tarde na infância, quando o obstáculo do sentimento de vergonha já atingiu certo desenvolvimento (FREUD, 1915/1999).

Entretanto, uma vez advindo o recalçamento desses interesses – o prazer de ver a genitália de outrem persiste como uma pressão torturante, que em muitos casos de neurose fornece, posteriormente, o elemento impulsor para a formação do sintoma.

Freud atribui essa “espontaneidade” da pulsão escópica às crianças e neuróticos – e especificamente no fundamento das perversões e dos sintomas neuróticos. Freud afirma que a pulsão escópica está sob o princípio da pulsão de saber, que está presente nas pesquisas de crianças e nas suas tentativas de desvendar o enigma da sexualidade. Para Freud, o campo escópico não se enquadra no desenvolvimento pulsional do sujeito e lhe confere, portanto, uma função constituinte da própria sexualidade, pois é a impressão visual que desperta (FREUD, 1915/1999; QUINET, 2002, p.72).

O conceito de pulsão escópica permitiu à psicanálise restabelecer uma função de atividade para o olho não mais como fonte de visão, mas como fonte de libido. Onde os antigos têm o conceito de raio visual e fogo do olhar, a psicanálise descobre a libido de ver e o objeto olhar como manifestação da vida sexual. Lá onde estava a visão, Freud descobre a pulsão (QUINET, 2002, p.10).

Passemos agora aos quatro elementos da pulsão descritos no artigo *Pulsões e seus destinos* (1915/1999). Ao elaborar o conceito de pulsão, Freud, reúne quatro elementos para dar conta de explicar a pulsão: fonte, pressão, alvo e objeto.

A *fonte* é descrita como o processo somático que dá origem à pulsão, a fonte da pulsão é corporal e não psíquica. Então, podemos dizer que a pulsão tem sua origem no corpo.

O *alvo* da pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtido eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão. Embora, o alvo permaneça imutável, haverá diferentes caminhos que conduzam a finalidade última. Assim, o alvo da pulsão nunca é alcançado pela própria natureza da pulsão e a satisfação passa a ser sempre parcial. Portanto, o recalque, a sublimação, os sonhos, o sintoma e outros destinos da pulsão provocam também satisfação. Frente a esta impossibilidade da pulsão, o sujeito está sempre buscando objetos para satisfazer sua pulsão (FREUD, 1915/1999).

O *objeto* é aquilo junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode atingir o seu alvo. “Este objeto não é específico, mas sim o que pode satisfazer a pulsão” (FREUD, 1915/1999). A escolha do objeto está ligada à história do sujeito, às fantasias e aos desejos. O objeto é o representante das imagens sensoriais e palavras inscritas no sujeito.

A *pressão* é a soma do trabalho psíquico exigido pela pulsão a fim de alcançar a satisfação. Esta pressão pode ser concebida como um fator quantitativo econômico, uma exigência de trabalho imposta pelo aparelho psíquico.

Freud também sugere quatro vicissitudes ou destinos da pulsão: reversão em seu oposto; retorno em direção ao próprio indivíduo; recalque e sublimação. Freud afirma que os dois primeiros seriam “as forças motivacionais que se contrapõem ao avanço das pulsões”, o que permitiu tratá-los como modos de defesa contra as pulsões (RAMOS, 2009).

Quanto aos outros dois destinos, recalque e sublimação, o primeiro se encontra no fundamento dos sintomas neuróticos (a cegueira histérica, a timidez, a ruminação obsessiva, a crença e a superstição) e o segundo é responsável pelo efeito da beleza, e do desejo de saber (QUINET, 2002).

A reversão em seu oposto é observada a partir de dois destinos: no redirecionamento da atividade para a passividade e na inversão de seu conteúdo. O movimento atividade-passividade se sustenta através dos exemplos dos pares sadismo-masochismo e voyeurismo-exibicionismo. Na posição ativa: ficar olhando, substituída pela posição passiva, ser olhado. No caso da inversão de conteúdo é apenas a transformação de amor em ódio. A reversão em seu oposto está ligada às metas da pulsão.

No retorno ao próprio indivíduo “se torna mais plausível se considerarmos que, afinal, o masochismo é um sadismo voltado contra o próprio EU e que a exibição inclui a contemplação do próprio corpo”. (FREUD, 1915/1999). Freud observa também que o masochista compartilha a satisfação implicada na agressão contra a sua própria pessoa e que o exibicionista se satisfaz com seu próprio desnudamento. Ocorre nesse processo, portanto, troca de objeto sem alteração de meta.

Freud (1915/1999) afirma que na pulsão escópica há um tempo anterior à atividade do olhar, é a atividade auto-erótica que descreve como um estado inicial da libido, neste, o alvo é o próprio corpo. Porém, só mais tarde é que a pulsão é levada, por um processo de comparação, a trocar esse objeto por uma parte análoga do corpo de outrem. Ele propõe então, um esquema:

- 1) Alguém olhando para um órgão sexual = Um órgão sexual sendo olhado por alguém (voyeurismo-exibicionismo)
- 2) Alguém olhando para um objeto estranho (escopofilia ativa).
- 3) Um objeto que é alguém ou parte de alguém sendo olhado por uma pessoa estranha (exibicionismo) (FREUD, 1915/1999; QUINET, 2002, p.76).

Neste sentido, podemos dizer que existem três tempos da pulsão escópica: o auto-erotismo, voyeurismo e exibicionismo. Freud considerou a atividade/passividade, olhar/ser olhado como ambivalentes. Essa ambivalência do sujeito em relação à pulsão escópica é a divisão do sujeito entre o olhar e a visão. “A *spaltung* do sujeito é constitutiva da pulsão escópica: ele olha e é olhado” (QUINET, 2002, p.77).

Retomando os “Três ensaios”, abordaremos um aspecto pulsional importante quando nos referimos ao olhar: a beleza. Para Freud a visão é provavelmente a zona erógena mais distante do objeto sexual, mas, pode ser excitada por meio do estímulo exercido pelo objeto sexual: a beleza. A libido é responsável pelo atributo de beleza do objeto sexual. É, portanto, a pulsão escópica que faz de uma pessoa um objeto excitante e belo. (QUINET, 2002, p. 72)

O objeto olhar, enquanto objeto pulsional, surge no campo de desejo do sujeito, encobrendo de beleza aquele que causa o desejo do sujeito. A beleza é, então, o produto da sublimação da

pulsão escópica, que no início só se dirige aos órgãos sexuais. Deste modo, para Freud, o belo tem suas raízes na excitação sexual, e seu significado original era “sexualmente estimulante” (QUINET, 2002, p.73).

Assim, o olhar é objeto pulsional na Psicanálise, a pulsão escópica tem seus elementos, seu modo de funcionamento, suas vicissitudes descritas por Freud; o status e o funcionamento do objeto olhar foram estabelecidos e desenvolvidos por Lacan (QUINET, 2002).

É importante ressaltar que, para Lacan, a pulsão escópica é paradigmática da pulsão sexual. É no Seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964-1965), que Lacan menciona a divisão do olho e olhar e acrescenta às pulsões orais e anais, propostas por Freud, as pulsões escópica e invocante. Para Lacan, ver é função do olho, já o olhar é objeto da pulsão escópica, do mesmo modo que ouvir é função do ouvido e a voz é objeto da pulsão invocante. Neste contexto, “o olhar, como *objeto a*, longe de assegurar a possibilidade da visão, é o que não deixa ver o objeto, por que o atravessa” (QUEIROZ, 2005, p.91).

Lacan (1950) *apud* Roudinesco; Plon (1998) repensa o primeiro momento da pulsão sexual em Freud e formula o seu conceito de gozo. Para tanto, elabora a distinção entre necessidade, desejo e demanda. Em seus estudos, Lacan observa que é o outro, a mãe ou seu substituto, que confere um sentido à necessidade orgânica, expressa sem nenhuma intencionalidade pelo bebê. “Em decorrência disso, a criança vê-se inscrita à sua revelia, numa relação de comunicação em que esse outro (minúsculo), pela resposta que dá à necessidade, institui a existência pressuposta de uma demanda” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 299). Ou seja, a criança é remetida ao discurso desse outro, cuja posição contribui para a constituição do Outro.

É essa satisfação conseguida pela resposta à necessidade, que induz à repetição do processo, ancorado no investimento pulsional: a necessidade torna-se, então, demanda propriamente dita, impossibilitando o resgate do gozo inicial, o da passagem da sucção para o chuchar. “O Outro originário, permanece inatingível, barrado pela demanda que se tornou ilusoriamente primária” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 300).

Segundo Queiroz (2005, p.94) “Lacan reconhecia no olhar uma função antecipatória capaz de engendrar a primeira organização de eu – o eu especular – alienado no Outro e na imagem”, ou seja, antes da criança ser capaz de olhar, ela é atravessada pelo olhar do Outro primordial. Este olhar antecipa a linguagem e gera o “manhês”. “A mãe olha o bebê e lhe atribui um discurso. Ela fala com e pela criança” (QUEIROZ, 2005)

Para Lacan (1964-1965), a esquizo do olhar é justamente a divisão que se opera no sujeito e que produz uma dialética do engano, do desmentido: do visível e do invisível. Isso significa que nunca se pode ver a imagem do ponto onde ela nos

olha. Há um outro que nos olha e nos captura. O olhar é exterior ao sujeito, advém, primeiramente, de outrem (QUEIROZ, 2005, p.94).

O prazer de ver uma pintura, uma paisagem, um corpo, um filme, são exemplos de conotação de prazer do gozo escópico e em tudo que é prazer sentido pela visão, encontra-se o olhar enquanto *objeto a*. O olhar enquanto *objeto a* possibilita o gozo (*Genuss*) sob a forma de prazer ou dor. Esse olhar pode vir simbolizar a falta presente na natureza do sujeito ulterior ao fenômeno da castraçãoⁱ, o *objeto a* deixa o sujeito na ignorância da aparência.

O gozo habita o lugar para além do limite, do visível, do desconhecido, do experimentado. Esse gozo do olhar é da ordem do fascínio, na aposta de um mais além do visível que se nutre no feitiço/fetice. Quinet (2002) afirma que a sociedade escópica é uma representação do mais-de-olhar, este termo é inspirado no mais-de-gozar, cunhado por Lacan para nomear o *objeto a* no campo do gozo. Este termo acentua seu caráter de valor (derivado do termo "mais valia" de Marx), que é valor de gozo, do qual o sujeito está excluído sem, no entanto, deixar de ser por ele causado.

O olhar como *objeto a* é o que melhor demonstra o caráter agalmáticoⁱⁱ do objeto causa do desejo. O *agalma* é sempre descrito por seu esplendor, sua beleza, como o que brilha qual uma jóia fulgurante na luz, qual um ponto de onde parte a luz, e assim também se pode representar o olhar como *objeto a* (QUINET, 2002, p.12).

Esse caráter agalmático do objeto tem a função de enfeitar e ornamentar o objeto, como uma armadilha para os olhares. O *agalma* engana o olho para fazer valer o olhar. Diz Quinet: "O gozo escópico é o gozo dos espetáculos e também o gozo do horror, pois o olhar não pode se ver a não ser ao preço da cegueira ou do desaparecimento do sujeito, o que indica que toda pulsão é também pulsão de morte" (QUINET, 2002, p. 49).

O olhar que Lacan descreve é o objeto da pulsão escópica descrito por Freud, que não faz parte do sujeito, e sim dos objetos oferecidos à visão. Para Lacan, o olhar possui apenas uma consistência lógica: enquanto objeto ligado ao gozo, inapreensível pelo eu, promove o fascínio do mundo da visão.

O *objeto a* causa o desejo, causa a angústia. Ele se encontra como mais-de-gozar no sonho, no sintoma, no lapso; o olhar é o objeto em causa na vergonha, na inveja e no ciúme. O olhar se encontra no prazer escópico da pintura, da paisagem, da fotografia, do cinema, e, é claro dos belos corpos (QUINET, 2002, p. 43). Mas, não somente, também está no prazer que causa dor e sofrimento.

Freud e Lacan dão um lugar privilegiado ao âmbito pulsional relativo ao olho: apelam para a pulsão escópica para estabelecer a gramática das pulsões (Freud) quanto ao circuito pulsional

entre sujeito e objeto (Lacan). Ambos partem dos ensinamentos da clínica psicanalítica e da observação da vida cotidiana, apreendendo os modos de satisfação dessa pulsão: a *schaulust*, prazer de ver (QUINET, 2002, p.18).

A ESPETACULARIZAÇÃO DA MÍDIA NA SOCIEDADE ESCÓPICA

O ser humano demonstra um fascínio quando se aproxima da morte, há algo que o atrai ao ver o “corpo estendido no chão”, ao passar por um acidente de trânsito, ou a se fixar em um canal de televisão quando assiste a alguma reportagem em que a mídia explora o corpo, a dor e o sofrimento, ou quando lê uma revista em que as fotografias parecem enfeitiçar o leitor que espera a próxima página como aquela reveladora de algo a-mais do que se pode ver.

Desta forma, a maneira como a mídia explora as notícias mórbidas, coloca em evidência que, cada vez mais, são essas notícias/reportagens que fazem vender mais, porque são justamente essas reportagens que chamam a atenção do leitor.

No âmbito televisivo, a cobertura mais detalhada, em que a câmera possa mostrar o que há de mais privado, é a que mais tem audiência. É muito provável que enquanto exibem o corpo, o sangue e os órgãos, cada detalhe minucioso, o “especta-dor” não saia de sua poltrona, os olhos estão ali vidrados, esperando que enfim a tela não mais seja o limite para esse gozo que é da ordem do estranhamento, mas que também, causa um feitiço que só se desfaz, quando desliga a TV.

A mídia sob forma impressa, que é o nosso interesse neste estudo, seleciona as imagens que mais capturam os olhares ávidos dos leitores, as imagens selecionadas têm um requinte de detalhes para que o leitor possa imaginar a cada fotografia o momento em que aconteceu a tragédia. Assim, a mídia captura a imagem em que a expressão do momento, principalmente, a expressão no rosto dos envolvidos na tragédia seja a mais dolorida possível, e assim possam mostrar a face do sofrimento ao leitor.

É no lugar de exibicionista que a mídia manda o *voyeur*/ “*especta-dor*” gozar com o imperativo “veja!”. Deste modo, a mídia sob todas as formas de instrumento começa como um canal de informação, mas também um meio de divertir as famílias, seja pela via da brincadeira, do humor, seja pela trapaça do esperto, ou mesmo pela desgraça do bandido.

Vale a pena ressaltar que a informação revelada pela mídia, mudou de gênero, o caráter informativo, hoje, é conotado pela lógica do que vende mais. E a mídia evidentemente já percebeu o que vende mais: o espetáculo. A satisfação do olhar que a mídia proporciona ao sujeito é o mais, o mais-de-olhar a que se refere Quinet, esse prazer que ultrapassa o limite do princípio do prazer e que rompe com a barreira do que antes era velado: a morte.

Esse prazer na dor pode, de fato, ser identificado pelo termo (*Gennus*), a ser diferenciado do prazer (*Lust*). O termo gozo (*Genuss*) proposto por Lacan implica a ausência de uma barreira entre o princípio de prazer e seu para-além. À luz da Psicanálise, é o olhar como objeto pulsional que causa o gozo do espetáculo e o imperativo de mostrar e exhibir.

Segundo Quinet (2002), para o senso comum, olhar e ver se equivalem, porém a Psicanálise se interessa pelo pulsional que se coloca no registro do desejo e da angústia, no que concerne ao campo visual. Ver é apenas a função do olho e o olhar é o objeto pulsional. No campo escópico, o olhar é demasiado, pois incomoda, surpreende, perturba e afeta, tira o sossego, é um gozo a mais.

Kant (Quinet, 2002) discute a distinção entre prazer escópico e horror do olhar propondo uma diferença entre belo e sublime. O belo faz referência à boa forma do objeto, enquanto que o sublime nomeia o que está desarmônico. O prazer do belo tem como base o limite fálico, na medida em que a beleza e o faloⁱⁱⁱ ocupam o mesmo lugar, ergue-se uma muralha ao prazer delimitando-o. No sublime reencontramos a ausência de limites entre o prazer e a dor, isto é o *Genuss* da tragédia, o gozo do olhar para além do falo.

Esse desejo de proximidade com o bizarro e o estranho, que atraem o olhar humano, não é mera curiosidade, mas sim gozo escópico. Mas o que este gozo dá-a-ver? E a quem dá-a-ver?

O dar-a-ver é correlato à posição de ser olhado da pulsão escópica; o dar-a-ver ao Outro é fazer-se olhar. A estratégia do sujeito será, então, a de situar o olhar no campo do Outro para satisfazer seu dar-a-ver pulsional. O olhar é objeto destacado do Outro, enquanto objeto perdido trata-se do olhar como objeto de gozo atribuído ao Outro, conforme estruturas clínicas; o neurótico supõe o Outro como suporte do seu olhar, o perverso tenta devolver ao Outro o olhar, para fazê-lo, gozar e o psicótico atribui o olhar ao Outro lhe conferindo o poder de vigiar e punir. O olhar se encontra no campo do Outro e o espetáculo da mídia é dado a ver ao sujeito. Mas o próprio sujeito é dado a ver ao Outro (QUINET, 2002, p.88).

Esse Outro se tornou duas formas de olhar da sociedade escópica, de um lado o imperativo: mostre, dê a ver, exhiba-se! E, do outro lado, em contrapartida, o mando: veja! Para a Psicanálise, esse Outro é um lugar que, em particular, é o lugar da linguagem, situado para além de qualquer pessoa e onde se situa o que é anterior ao sujeito, e que, entretanto, o determina. “É a mãe que ocupa o lugar do primeiro Outro para o sujeito, o que quer dizer que ela torna presente para a criança essa cena em que a subjetividade vai ser construída por palavras exteriores a ela própria, antes que ela se aproprie delas” (MELMAN, 2008, p.207).

A sociedade comandada pelo olhar exclui a simbolização, trazendo o gozo do espetáculo e o imperativo do supereu^{iv} de um empuxo ao gozar escópico: mando do dar-a-ver, ser visto e mostrar-se. A pulsão escópica tem seu lado que admira a imagem que tampona a falta constitutiva do sujeito, como também se satisfaz com o lado trágico das imagens inscritas na pulsão de morte.

O investimento do discurso capitalista nos meios de comunicação de massa se apropria das notícias para exhibir os sujeitos forçosamente em imperativo de publicidade, atendendo aos mandos do *merchandising*, exibindo o Outro do olhar.

A mídia funciona como esse Outro que empresta o corpo para o sujeito, lugar de linguagem e também de significantes e inscreve no sujeito imagens espetaculares. Esse Outro representado pela mídia é também quem o aproxima do gozo escópico, o olhar sobre o macabro, disforme, desconhecido. Desconhecido no sentido do véu que encobria o espetáculo da morte e do corpo, do sagrado. A mídia rasga o véu do bem privado e o escancara para o bem público promovendo forçosamente uma nova forma de manutenção do laço social. “Se o Outro é uma instância simbólica para a qual a sociedade inventa uma versão imaginária, hoje o laço social é organizado com referência a um Outro emissor de imagens que se oferecem à identificação e apelam ao gozo sem limites” (KEHL, 2004).

De acordo com Quinet (2002) a sociedade na nossa contemporaneidade pode denominar-se sociedade escópica, na medida em que o olhar torna-se um instrumento potencial do ver e ser visto. Esse imperativo social contemporâneo é a mola mestra das relações sociais que são mediatizadas por imagens. O olhar é onividente. Este que tudo conhece e que tudo vê se apresenta, sob formas variadas, desde ao olho do “*Big Brother*”, voyeur e exibicionista, até as câmeras vigilantes encontradas por muitos lugares que passamos todos os dias.

A denominação “sociedade escópica” pode ser conjugada como a “sociedade do espetáculo” descrita por Debord (1967). Essa escopofilia compactua com o *show business* e o olho que vigia materializando o espetáculo sob todas as formas peculiares de informação e propaganda ou publicidade que constituem o modelo socialmente dominante.

A existência de um progresso subsequente à conjunção do desenvolvimento das ciências, das tecnologias, da comunicação, comandado pelo capitalismo, comercializa o gozo do ver e ser visto, e transforma em moeda desde o prazer da exibição até a vigilância do poder que a mídia exerce sobre a sociedade.

A mídia funciona como um suporte do olhar do sujeito organizando diferentes fluxos de acontecimentos; pelo caminho do espetáculo, das formas mais dramáticas e sensacionalistas que produzem identidades, fascínios, prós e contras. À medida, portanto, que organiza os múltiplos fluxos de acontecimentos, a mídia hierarquiza os temas, selecionando os que deverão ser do conhecimento público e, os que deverão necessariamente ser discutidos, debatidos, pensados e fixados (COIMBRA, 2001).

O jornalismo de investigação se deleita freqüentemente com os caçadores de assuntos escabrosos e com a exibição destes. À simpatia pela proximidade a morte, escapa o imperativo do sagrado, que é preciso exhibir as tripas, o interior das tripas, os ossos, o sangue, os corpos, os dramas

familiares, o caos, a tragédia, enfim, a vida privada e reservada que anteriormente nos cercavam. (MELMAN, 2008, p. 19).

O espetáculo da mídia, trivializa a violência, a intimidade, a morte, causando um fascínio no “especta-dor”. Esta fascinação está acessível nos gêneros informativos por excelência que são os telejornais. O que realmente importa no gênero é oferecer ao olhar do “especta-dor” um gozo imediato: a pulsão escópica. Se por um lado a mídia exagera na exploração dos corpos e intimidades, o olho incansável do “especta-dor” demanda ver cada vez mais.

O que caracteriza a nossa contemporaneidade é o avanço das tecnociências, o consumo desmedido do descartável, a volatilidade, o imediatismo, o individualismo, o espetáculo, o gozo, aquilo que pode ser visto; não só o “especta-dor” se vê, mas também possibilita ser visto. O sujeito contemporâneo é um sujeito da exterioridade, da aparência, daquilo que ele pode exibir, do que se pode contemplar, a partir do que a mídia pode oferecer como objeto de seu desejo (COIMBRA, 2001).

O sujeito se constitui sendo capturado pelas algemas da exterioridade, parecendo atender a uma finalidade: a da lógica de mercado e do dinheiro, das imagens impostas pela mídia, enfim, do consumo não reflexivo, de se apresentar como aquilo que a mídia lhe impõe ser e ver.

A produção do olhar em nossa sociedade contemporânea é privilegiada – como aparece no imperativo da fama, da celebridade e de transparência, instrumentalizada pela mídia. A espetacularização da imagem imposta pela mídia não deixa espaço para representação (QUINET, 2002, p.14).

Essas questões apontam para o privilégio adquirido pelo órgão da visão em nosso tempo, revelando, assim, uma economia hedonista do olho, produtora de um modo próprio de gozo: o gozo escópico.

100 HORAS DE AGONIA E UM DESFECHO TRÁGICO: CASO ELOÁ

Para ilustrar o que chamamos de sociedade escópica, iremos analisar um trecho de uma reportagem em uma revista impressa: a revista “Época” da editora Globo, de 27 de outubro de 2008, edição de número 545, que faz a cobertura do enterro da jovem Eloá, assassinada, pelo namorado, depois de um seqüestro de 100 horas, na cidade de São Paulo. Para tanto, esta análise é baseada na Análise de conteúdo proposta por Bardin, que revela a idéia de que há um “discurso aparente” que precisa ser desvendado. Iremos tomar como ponto de partida os conceitos de pulsão escópica e gozo escópico para traçar um percurso onde a Análise de conteúdo e a Psicanálise constituirão nossas linhas teóricas de apoio.

Ferreira (2003), que se fundamenta nas concepções de Bardin (1979), afirma que a análise de conteúdo é usada quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real. A análise de conteúdo aplica-se a tudo que é dito em entrevista ou depoimentos, relatos ou escritos em jornais, revista, livros, textos ou panfletos, como também a imagens de filmes, pinturas, cartazes, televisão e toda a comunicação não verbal: gestos, posturas, comportamentos e outras expressões culturais.

A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) “(...) a inferência é o procedimento que permite ao analista captar em um dado tipo de documento (nos textos, por exemplo) os vestígios que permitirão descobrir a manifestação de estados, de dados e de fenômenos” no que diz respeito tanto à procedência da mensagem (a situação na qual se encontra o emissor e o destinatário (BARDIN, 1995, p.38- 39 *apud* ROCHA ; DEUSDARA, 2006).

Para analisar o documento escolhido é preciso definir a unidade de registro que pode ser a idéia principal de um livro, um relato, ou uma entrevista. Para estabelecer as unidades de registros, é preciso, às vezes, fazer referência ao contexto da unidade que se quer registrar. Então, o contexto serve para compreender a unidade de registro. (BARDIN, 1979, p. 107 *apud* FERREIRA, 2003).

Com a unidade de registro escolhida, foram estabelecidas as regras para análise. As escolhas das regras podem ser de diversos tipos: presença, ausência, frequência, intensidade, direção, ordem e co-ocorrência. No caso, em nossa análise, utilizaremos a regra de presença. A presença pode funcionar como significativa, pois é a que mais se aproxima com o tipo de análise que aqui será desenvolvida. Vamos identificar no trecho da reportagem a presença de elementos mórbidos sua relação com a pulsão escópica e com o gozo escópico e sua significação na subjetividade humana.

O olhar incansável do “especta-dor” que goza com as imagens que são oferecidas pelo Outro pode ser elucidado com este pequeno trecho da reportagem: “*Caso Eloá: A história de um namoro trágico*” que compôs a seção sociedade/crime da revista “Época”, edição: 545:

“(…) O Guarda Civil de Santo André calcula que pelo menos 36 mil pessoas estiveram no cemitério para *acompanhar* o velório e o enterro de Eloá. Poucos eram parentes e conhecidos da adolescente. A grande maioria foi ao cemitério porque acompanhou o seqüestro pela TV. “Há pessoas que entram na fila para *ver* o corpo três vezes” disse um dos PMs responsáveis por organizar a multidão. Mulheres erguiam crianças para que elas pudessem *avistar* Eloá. Jovens *fotografavam* a morta com o celular. Uma mulher na faixa dos 50 anos abriu os braços para o policial militar e reclamou do tempo escasso: “Nem deu pra ver direito”.”

Podemos notar que palavras como *acompanhar, ver, avistar e fotografar* compõem parte de um registro, este registro nos conduz a capturar com olhos, a esse “gozo escópico”, que é um gozo diante da morte.

Com efeito, esta fascinação do olhar pelo corpo e pela morte, não é das representações, mas de uma presença do próprio objeto. Não seria suficiente acompanhar somente pela TV, mesmo sendo uma cobertura das mais completas que já se viu, ainda assim é preciso estar lá, ver, avistar, fotografar, capturar com o olhar de um “especta-dor” inundado de gozo que nunca se satisfaz através do objeto: *“Há pessoas que entram na fila para ver o corpo três vezes”*.

O real do drama humano torna-se espetáculo não mais imaginário, sentido quando se assiste não a uma novela, mas, o espetáculo dramático é proposto como realidade. No gozo escópico, ver é somente a função do olho, para o sujeito contemporâneo é preciso olhar o corpo três vezes, olhar em tempo real, como no trecho que estamos analisando. É disso que se trata a função háptica dos olhos, é a possibilidade de tocar com olhar, de acariciar com os olhos. Em nossa sociedade contemporânea não há mais lugar para a simbolização, é o real que impera. O real do corpo, real da morte.

Segundo Rodriguez (2008), o gozo do olhar se confirma no momento em que se produz no aqui e agora da observação, um despedaçamento, algo rompe o invólucro, a pele, e a carne revela-se para o nosso olhar em sua extrema singularidade. Em outras palavras, o momento auge dos espetáculos ou mostras contemporâneas é aquele em que a figura se rompe, aparece uma fissura, uma ferida, e surge o interior do corpo. Quer dizer, no momento em que caem todos os véus.

Assim como na exposição de Gunther Von Hagens, em que o sucesso de bilheteria foi expresso pela visita de aproximadamente 780.000 visitantes em Mannheim (Alemanha). Em Tóquio foi necessário deixar as portas abertas 24 horas por dia para satisfazer a demanda de dois milhões e meio de pessoas que queriam olhar os corpos, também em Viena (Áustria) foi um enorme sucesso. O enterro de Eloá foi assistido por pelo menos 36 mil pessoas, pessoas estas que nem a conheciam, mas que estavam lá para atender ao seu gozo insaciável pelo prazer de olhar. Esse mais-de-olhar, proposto por Quinet, é um gozo compartilhado, gozo comum a todos. Esse gozo é excessivo, impossível de suportar, mas ao mesmo tempo é causa do desejo do sujeito.

O “especta-dor” exige imagens cada vez mais reais, cada vez mais espetaculares. No gozo do olhar, a morte assume a forma de um brilho de uma jóia que atrai o sujeito e hipnotiza seu olhar. O olhar é também objeto de angústia quando a pulsão escópica se revela como pulsão de morte: o olhar é portador de um gozo mortífero (QUINET, 2002, p.12).

O sujeito contempla o objeto, causa de seu desejo. “A contemplação é um estado de gozo, a exclusão total da falta” (QUINET, 2002, p.26), isso, porque a contemplação possui um caráter de

completude, nela o sujeito encontra, enfim, a plena suficiência, a vida de ócio, a ausência de fadiga e todas as outras características atribuídas ao homem que goza de felicidade. A contemplação é um ideal de completude do sujeito com um objeto que o saturaria na sua falta de saber. Como já falamos, a pulsão escópica tem em sua base a pulsão de saber, esse ideal se realizaria no domínio do escópico, porque é ponto extremo do prazer e do saber.

O gozo escópico frente ao espetáculo da morte angustia, mas, como já dissemos, também fascina. Por que será que um jovem fotografa no celular um corpo morto? Talvez para guardar a imagem que os outros não conseguiram ver como queriam como a mulher de 50 anos que reclama com o policial que o tempo foi escasso: “*Nem deu pra ver direito*”.

Lacan menciona sobre a esquizo entre o olho e o olhar, esta esquizo responde à estrutura da pulsão escópica, pulsão presente na sociedade contemporânea em que vivemos:

Vemos o que nos fascina, seja na dimensão da beleza ou do horror, mas que de alguma forma confirma um traço ligado à identidade do eu de cada um. Ou seja, a imagem dada a ver fascina, e o significante que vem do olhar do Outro interroga a imagem vista, interroga a completude de gozo que ela veicula, introduzindo tanto a falta constitutiva do sujeito desejante como a falta radical da morte (DIDI-HUBERMAN 1998 *apud* BETTS 2007).

Rodriguez (2008) se questiona: Que espectador é este que contempla o espetáculo do real? E chega a conclusão: Um sujeito cujo corpo está reduzido a um único órgão, o olho, e a uma única função, o olhar. Um indivíduo que assiste ao corpo do outro que se decompõem, desmaterializa, se corrompe ou, na melhor das hipóteses, tem sua intimidade invadida. Um espectador, em suma, submetido a uma posição passiva e silenciosa. Submetido que está a um gozo escópico quando visualiza como se fragmenta, se desfaz ou se aniquila o corpo do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise propôs tecer uma relação entre a pulsão escópica e o gozo escópico e suas vicissitudes na contemporaneidade, especialmente, no que diz respeito ao “espectador” de imagens sobre a morte. Ao mesmo tempo em que retrata o horror e a dor, essas mesmas imagens são também fascinantes aos olhares humanos.

O olhar possui grande influência e significação na subjetividade e na sociedade contemporânea. A Psicanálise rompe com a tradição filosófica ao diferenciar o olhar e a visão, e

reconhece na pulsão escópica que a função do olho vai muito mais além da vista. O olhar é destacado por Lacan como objeto da pulsão escópica, descrito por Freud como o impulso de ver e ser visto, aliado ao campo do prazer e do desejo.

A sociedade escópica não é apenas o resultado de uma máquina potencial de emitir imagens, não é apenas um mundo da visão, mas uma visão de mundo que tomou sua forma objetiva com os avanços da ciência. Esses novos modos de existência possibilitaram o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e a fabricação de novos aparelhos captadores de reprodutores de imagens: para o “especta-dor” olhar e ser olhado.

O dar-a-ver da pulsão escópica pacifica o apetite do olho ao satisfazer o desejo do sujeito. A mídia tem um papel de destaque na sociedade contemporânea, pois é a mídia que viabiliza o gozo escópico, quando expõe lares, vidas, mortes e sujeitos com o imperativo do “exiba-se” e “veja”! O espetáculo da mídia constitui-se como um veículo de produção da exibição para o gozo do olhar que organiza o modelo socialmente dominante. São as imagens do espetáculo que trazem o gozo do olhar que acorda o “especta-dor” com um horror excitante.

Ao mesmo tempo em que a mídia é esse instrumento que proporciona o gozo, é também barreira do gozo escópico. Isso porque a sociedade do espetáculo não se contenta mais com a representação ou simbolização que encobre o real. Freud descreveu a pulsão escópica como algo inerente ao sujeito, logo, a pulsão escópica sempre existiu em nossa sociedade. Mas, o que queremos destacar neste trabalho é como essa pulsão do olhar se faz tão presente em nossa sociedade como nunca o vimos. Neste sentido, podemos nos questionar: por que o gozo escópico se transformou no lugar de destaque na organização das relações sociais na contemporaneidade, o que ele proporciona? É o gozo escópico que se tornou objeto do capitalismo? Ou o capitalismo que se tornou objeto de gozo escópico para o sujeito?

REFERÊNCIAS

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. Espetáculo, comunicação e comunismo em Guy Debord. **Kriterion**. Belo Horizonte. v. 48, n.115. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

BETTS, Jaime. A pulsão escópica na contemporaneidade. **Rev. Assoc. Psicanal.** Porto Alegre. n.32, jan/jun. 2007. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br>>. Acesso em: 03 out. 2009.

BRAUNSTEIN, Nestor. Gozo. In: BRAUNSTEIN, Nestor. **O gozo: de Lacan a Freud**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2007. Cap. 1, p. 11-54.

CARVALHO, Gildete Lino de. Perversão na criança. **Cogito**. Salvador. v.1, 1996. Disponível em: <<http://pepsic.bvs.org.br>>. Acesso em: 25 nov.2009.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Mídia e produção de modos de existência. **Psic.: Teor. e Pesq.** Rio de Janeiro. v.17, n., jan/abr. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. In: Debord, G. **A separação acabada**. 4ª edição italiana. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Cap. 1, p.15-23.

FERREIRA, Berta Weil. **Análise de Conteúdo**. Disponível em: <<http://www.ulbra.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2009.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1999. 1 CD-ROM.

_____ (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

_____ (1915) **A pulsão e suas vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. In: GIL, Antonio Carlos. Como redigir o projeto de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Cap. 16, p. 161-171.

GUTIERREZ-TERRAZAS, José. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Rev. Ágora**. Rio de Janeiro. v.5, n.1, jan/jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

LACAN, Jaques. O seminário, livro 17: **O avesso da psicanálise**. In: LACAN, Jaques. A produção dos quatro discursos. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. Cap.1, p. 9-26.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. In: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Projeto e relatórios de pesquisa**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1983. Cap.4, p. 99-128.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de Psicanálise**. 9. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LITERATURA EM ANÁLISE. **Reflexos do gozo escópico do macabro no espelho da sociedade de consumo – Sobre a exposição “o corpo humano como nunca o viu”**. 2007. Disponível em: <<http://literaturaemanalise.blogspot.com>>. Acesso em: 06 nov. 2009.

KEHL, Maria Rita. A publicidade e o mestre de gozo. **Rev. Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. v.1, n.2.2004. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. Cap.1, p.15-50.

NASIO, Jean-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jaques Lacan**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Cap. 1, p. 11-46.

PRATA, Maria Regina. **Pulsão de morte: mortificação ou combate?** Rev. *Ágora*. Rio de Janeiro. v. 3, n. 2, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 nov.2009.

QUEIROZ, Edilene Freire de. A Trama do olhar. **Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology**. v.5, n.1, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

QUINET, Antonio. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise**. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

RAMOS, G.A.P. *Os problemas da sublimação: O objeto entre a idealização e coisa*. 2009. Tese (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Minas Gerais. Minas Gerais, 2009.

ROCHA, Décio e DEUSDARA, Bruno. Análise de Conteúdo e análise do discurso: o lingüístico e seu entorno. **Delta**. v.7, n.2, jun/dez.2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 04 out. 2009.

RODRIGUEZ, Vanessa Brasil Campos. **A face oculta, sinistra e fascinante do espetáculo do real**. Salvador. 2008. Disponível em: <<http://www.tvrealidade.facom.ufba.br>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

ROUDINESO, Elisabeth ; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NOTAS:

ⁱ Sinônimo da falta em ser que a captura de cada sujeito na linguagem implica. Ela obriga a criança a abandonar sua posição de onipotência imaginária (confrontação com o pai).

ⁱⁱ Exprime, na maioria das vezes, uma noção de riqueza, mas especialmente de uma riqueza nobre. Significa ao mesmo tempo ornamentar e honrar.

ⁱⁱⁱ Símbolo da libido. Significante particular que designa o conjunto dos efeitos do significante e, mais especificamente, a perda ligada à captura da sexualidade na linguagem.

^{iv} Instância psíquica cuja função é julgar. Constituído pelas ordens interiorizadas pelo sujeito que prescreve o gozo.